

The world in the head: (Itânia Gomes e Ana Cristina Spannenberg)

“o relato” (Nilda Jacks/ UFRGS)

Agradeço à coordenadora do GT pela oportunidade de relatar este texto, por duas razões: poder me inserir no trabalho do grupo sem ter apresentado texto para a seleção deste ano e retomar o trabalho de Klaus Jensen, com o qual trabalhei no meu estágio de pós-doc realizado na Universidade de Copenhague/ Dinamarca no período de 1998-99.

Sobre o texto em questão, em primeiro lugar gostaria de ressaltar a importância deste autor para nosso debate, na medida em que é um dos mais constantes pesquisadores da recepção em nível internacional, com freqüentes aportações teórico- metodológicas, resultantes de seus trabalhos de longo alcance tanto na amplitude do desenho de suas pesquisas, quanto na cobertura geográfica a que se destina, e ainda porque trabalha muito com análises comparativas. Estas, fundamentais para o desenvolvimento da teoria e para as descobertas empíricas. Ressalto também, que o texto e modelo trazidos para o debate ainda tem escassa circulação no Brasil, aumentando a contribuição das autoras.

Em segundo lugar, quero ressaltar a natureza do texto. Sou adepta e entusiasta das explorações metodológicas, por acreditar que no âmbito dos estudos de recepção, em especial, é disto do que se trata. É quase desnecessário dizer que é a dimensão qualitativa e empírica que melhor oportuniza este tipo de exploração.

Neste sentido, o texto também está sintonizado com as preocupações de Klaus Jensen, que dedica-se sistematicamente com as questões metodológicas (e políticas) da pesquisa de comunicação, com destaque para os estudos de recepção. Seus textos nunca dispensam a reflexão metodológica e ela já ganhou dois livros como problemática exclusiva, quais sejam Metodologías Cualitativas de Investigación en Comunicación de Masas (1993) e A Handbook of Media and Communication Research (2002).

Assim que, relatora e metodólogo estão afinados com a proposição do texto. Entretanto, gostaria de problematizar a apropriação do modelo proposto por Klaus Jensen, nisto que as autoras chamam de exercício de aplicabilidade. No caso, gostaria também de

fazer um exercício, o de pensar a não aplicabilidade do modelo aos propósitos das autoras, especulando algumas razões a partir do que o autor tem produzido.

Não sei o que diria Jensen ao ver um modelo pensado para estudar as apropriações feitas pelos receptores - cuja gênese foi um estudo para “compreender como os espectadores de televisão em diversos países do mundo produzem um sentido local para as notícias globais” ou “para tentar descobrir o modo como os receptores entendem e interpretam as notícias com base nas suas vidas cotidianas”- nas palavras das próprias autoras ao introduzirem o texto, aplicado diretamente para analisar os telejornais a não que fosse por razões que exporei ao final. Eu diria que é inapropriado.

Jensen não é ortodoxo em termos metodológicos como confirmam suas pesquisas empíricas e em especial os modelos que apresentou ao campo, com os quais defende a ainda questionada aproximação entre ciências humanas e ciências sociais (perspectivas literárias e sociológicas), indicando mais complementariedades do que antagonismos. Me atrevo a dizer, entretanto, que é suficientemente coerente com as teorias e métodos que orientam seu trabalho e com o desenvolvimento de sua própria teoria para não fazer este movimento, ou seja, analisar o discurso dos meios a partir de categorias encontradas no discurso dos receptores sobre os meios. Isto porque a lógica teórico- metodológica que tem seguido é considerar a fala dos entrevistados como um discurso que deve ser tratado como se trataria o dos meios de comunicação, e não o contrário. Esta proposição, inclusive, foi bastante importante para o desenvolvimento analítico das falas dos receptores, que normalmente são tomados como ilustrações do que se quer demonstrar, sem tratamento técnico específico.

É preciso considerar também, que é adepto da análise do discurso lingüístico¹ de matriz pragmática, cujas categorias analíticas (coerência, pressuposições e premissas implícitas, que considera as mais importantes) estão mais inclinados a “examinar la forma de relacionarse de las personas en la conversación cotidiana y otros contextos sociales, inclusive la comunicación de masas” (1997: 130), embora a utilize, acrescentando outras categorias, para a análise do discurso dos meios. Ou seja, já tem feito uso de uma mesma

¹ Segundo Jensen (1997: 129), “el proceso de crear sentido se puede trazar en los detalles lingüísticos del discurso de la entrevista. El análisis del discurso lingüístico reviste una importancia significativa para la investigación de la comunicación de masas, ya que ofrece aproximación sistemática al análisis de los datos cualitativos”

matriz analítica para tratar discursos de naturezas diferentes para entender a recepção comparativamente à emissão. Ou seja, parte da preocupação das autoras já está resolvida- “explorar a produtividade da aplicação de uma mesma matriz interpretativa tanto aos processos de apropriação por parte da audiência quanto aos processos de representação da cultura efetivados pelos media”. O argumento de que estariam em busca de uma matriz interpretativa, mais do que analítica também encontra resolução no modelo de Jensen (1990), pois ele defende que não há distinção metodológica entre análise e interpretação nesta área de pesquisa, nomeando de análise-cum-interpretação o que faz.

Por outro lado, mesmo tomando os super-temas e não a análise do discurso como até aqui, pois dirão com razão as autoras que foi a categoria que gerou o modelo que está sendo aplicado, eles são considerados por Jensen (1997: 185) como “princípios que estruturam la recepción de las noticias [e não as notícias] así como las conceptualizaciones cotidianas de la política”. Ou seja, são categorias identificadas no discurso dos receptores sobre o discurso dos meios, prosseguindo em sua lógica analítica e metodológica. No relato da pesquisa que gerou o modelo em aplicação (Jensen, 1998:19), em tradução livre, o autor diz: “pesquisas previas sobre de recepção de notícias televisivas concluem que telespectadores chegam a temas interpretativos os quais são diferentes dos temas jornalísticos que a mídia espera que as audiências reproduzam- a narrativa dos receptores parece ser incompatível com a narrativa dos jornalistas”.

Super-temas, continua Jensen (idem), são construções temáticas pelas quais os receptores estabelecem elos entre o mundo cotidiano e o mundo representado nas notícias. Para ele, portanto, é uma categoria mediadora, tanto que o nome dado ao modelo foi o “the world in the head”, e não “the world in the screen”. Outra vez traduzindo livremente suas palavras: Super-temas servem como mediação entre os receptores e os relatos [as notícias], trasladando/ transformando uma realidade que aparece complexa e distante em termos de um significado simples, geral e pessoal.

Esta categoria tem para Jensen, por outro lado, um contraponto na noção de fluxo proposto por Raymond Williams, a qual ele expande para a noção de super-fluxo, que é a soma da oferta de todos os canais disponíveis, através dos quais o receptor “navega” construindo seu próprio fluxo, noção também aportada por Jensen (1997:175- 180) a partir de Williams.

Partindo daquele argumento sobre a propriedade do modelo para a análise dos telejornais, questionaria: como e por que uma categoria de natureza mediadora pode ser aplicada para analisar um dos termos que ela mediará? Ou seja, como a hipótese levantada pelas autoras de que com o procedimento teórico-metodológico proposto irá auxiliar na análise do encontro entre mídia e seus receptores se ela foi concebida com base neste encontro e para analisar estes encontros?

Meu argumento é que o supertema já traz a noção de encontro, portanto, parece ilógica a proposta, a não ser que o objetivo seja pensar a produção e não a recepção. Isto porque ao reconhecer o modo pelo qual os receptores percebem as notícias ficaria mais fácil contemplar seu modo de ver, compreender e de apropriar-se delas (Jensen, 1990).

Por outro lado, do ponto de vista dos estudos de recepção a única possibilidade que vejo do movimento feito pelas autoras, seguindo o que Jensen tem realizado e escrito, é de que seja uma estratégia metodológica conhecida como triangulação, utilizada para garantir a validade e confiabilidade da análise qualitativa (Jensen 2002: 272).

Talvez eu esteja querendo ser mais realista do que o rei por entender a inapropriação do uso do modelo pelas autoras, mas não vejo no desenvolvimento do trabalho de Jensen nada que aponte para esta possibilidade e especialmente não vejo razão para esta utilização para entender o processo de recepção.

De qualquer forma, como o modelo nasceu da análise comparativa de sete pesquisas integradas desenvolvidas em diferentes partes do mundo, em que todas aplicaram análises de conteúdo ao discurso dos meios precedendo a análise dos receptores, como comentam as autoras na introdução do texto, acho que devemos considerar que o modelo tem uma outra natureza, para ser usado em análises de segunda ordem, residindo aí quem sabe a aposta das autoras. Fica esta última provocação para estimular o debate no grupo e para aproveitarmos a experiência delas.

Obrigada, Nilda Jacks

Domingo, 4/5/ 2002

Bibliografia

- JENSEN, Klaus Bruhn & JANKOWSKI, Nicholas. **Metodologias cualitativas de investigacion en comunicacion de masas** (Trad. de Joan Soler) Barcelona: Bosch, 1993.
- JENSEN, Klaus Bruhn & ROSENGREN, Karl Erik. "Five traditions in search of the audience" **in European Journal os Communication. SAGE. London, 1990, Vol. 5 pp 207-238.**
- JENSEN, Klaus Bruhn. (org). **A Handbook of Media and Communication Research.** Londres e Nova York : Routledge, 2002.
- JENSEN, Klaus Bruhn. **La semiótica social de la Comunicación de Masas**, Barcelona, Bosch, 1997.
- JENSEN, Klaus Bruhn. **News of the World.** World cultures look at television news, Londres: Routledge, 1998.